

Cartas ao(a) professor(a) – cartas a nós mesmas

Letters to teachers – Letters to ourselves

Cartas a profesores y profesoras – Cartas a nosotras mismas

Carolina Lacerda Macalos*

*Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil – carolmacalos@gmail.com

Recebido em 04/05/2026. Aceito para publicação em 25/07/2026.
Versão online publicada em 12/10/2026 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Este artigo apresenta reflexões produzidas a partir de uma atividade desenvolvida na disciplina “O método (auto)biográfico e a formação de professores”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (POSGEA/UFRGS), no ano de 2023. A proposta consistiu na escrita de cartas endereçadas a professores e professoras que marcaram as trajetórias escolares e acadêmicas dos participantes, todos docentes ou futuros docentes. Tomando as narrativas como material de análise, o texto busca compreender de que modo as experiências vividas ao longo do percurso formativo atravessam a constituição da profissionalidade docente. Dessa forma, entende-se que narrar experiências implica produzir sentidos sobre a própria trajetória, mobilizando processos de reflexão, ressignificação e (auto)formação. As cartas evidenciam que a formação docente não se reduz à apropriação de conhecimentos e técnicas pedagógicas, sendo profundamente marcada pelos vínculos estabelecidos, pelas relações de escuta, pelas formas de presença e pelos modos como professores e professoras se inscrevem na memória dos sujeitos. A análise mostra que, ao escrever ao outro, os sujeitos também escrevem sobre si, revisitando memórias e elaborando narrativamente experiências que permanecem atuantes na docência. Assim, o método (auto)biográfico constitui um potente dispositivo (auto)formativo, ao possibilitar a compreensão da docência como um processo contínuo de construção de si, tecido na articulação entre memória, experiência e relação.

Palavras-chave: Formação docente. Narrativas autobiográficas. Memória. Identidade docente. Vínculos formativos.



Abstract:

This article presents reflections produced from an activity developed in the course “The (Auto)biographical Method and Teacher Education”, linked to the Graduate Program in Geography at the Federal University of Rio Grande do Sul (POSGEA/UFRGS), in 2023. The proposal consisted of writing letters addressed to teachers who had marked the participants’ school and academic trajectories, all of whom were teachers or future teachers. Taking these narratives as analytical material, the text seeks to understand how experiences lived throughout the formative trajectory shape the constitution of teacher professionalism. From this perspective, narrating experiences implies producing meanings about one’s own trajectory, mobilizing processes of reflection, resignification, and self-formation. The letters reveal that teacher education cannot be reduced to the appropriation of knowledge and pedagogical techniques, but is deeply marked by the bonds established, by relations of listening, by forms of presence, and by the ways teachers are inscribed in the subjects’ memories. The analysis shows that, when writing to the other, subjects also write about themselves, revisiting memories and narratively elaborating experiences that remain active in teaching practice. Thus, the (auto)biographical method constitutes a powerful formative device, enabling an understanding of teaching as a continuous process of self-construction, woven through the articulation of memory, experience, and relationship.

Keywords: Teacher education. Autobiographical narratives. Memory. Teacher identity. Formative bonds.

Resumen:

Este artículo presenta reflexiones producidas a partir de una actividad desarrollada en la asignatura “El método (auto)biográfico y la formación de profesores”, vinculada al Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (POSGEA/UFRGS), en 2023. La propuesta consistió en la escritura de cartas dirigidas a profesores y profesoras que marcaron las trayectorias escolares y académicas de los participantes, todos docentes o futuros docentes. Tomando las narrativas como material de análisis, el texto busca comprender de qué modo las experiencias vividas a lo largo del recorrido formativo atraviesan la constitución de la profesionalidad docente. Desde esta perspectiva, narrar experiencias implica producir sentidos sobre la propia trayectoria, movilizandolos procesos de reflexión, resignificación y autoformación. Las cartas evidencian que la formación docente no se reduce a la apropiación de conocimientos y técnicas pedagógicas, sino que está profundamente marcada por los vínculos establecidos, por las relaciones de escucha, por las formas de presencia y por los modos en que profesores y profesoras se inscriben en la memoria de los sujetos. El análisis muestra que, al escribir al otro, los sujetos también escriben sobre sí mismos, revisitando memorias y elaborando narrativamente experiencias que permanecen activas en la docencia. Así, el método (auto)biográfico constituye un potente dispositivo formativo, al posibilitar la comprensión de la docencia como un proceso continuo de construcción de sí, tejido en la articulación entre memoria, experiencia y relación.

Palabras-clave: Formación docente. Narrativas autobiográficas. Memoria. Identidad docente. Vínculos formativos.

1. Introdução

Este texto refere-se ao resultado de uma atividade proposta na Disciplina: O método (auto)biográfico e a formação de professores, pertencente ao currículo do Programa de Pós-graduação em Geografia - Posgea/UFRGS, na Linha de Ensino, no ano de 2023. A atividade teve como encaminhamento o convite para que os estudantes refletissem sobre um ou uma professor/professora que havia marcado a sua trajetória de formação durante a educação básica e/ou a universidade. A ideia é que estes estudantes, a partir das metamemórias, conversassem com eles mesmos para ressignificar a(s) identidades docentes. Todos os participantes são docentes ou são futuros docentes.

Convidamos aos leitores que leiam estas cartas e construam as suas próprias conclusões, são memórias fortes e, nem sempre positivas. O objetivo deste trabalho foi ter consciência do

quanto um ou uma professor/professora influenciou na construção da profissionalidade. Para o leitor, estas cartas têm dois vértices: se (auto)refletir ao memoriar seu ou sua professor/professora, bem como tomar a consciência de que estas cartas lidas provocam a (auto)formação docente.

Nos construímos pelo que narramos, pelo que escutamos o outro narrar e pelo significado que damos às narrativas. Aproveite para se enxergar nestas escritas e pensar o quanto a escola permanece dentro de você e o (auto) forma permanentemente.

Faço coro a famosa frase atribuída ao filósofo existencialista Jean-Paul Sartre é: "O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós". Por esta razão, a (in)conclusão deste texto é somente sua, leitor.

Obrigada Artur, Rafael, Giulia, Hélen e Júlia, pelas escritas sensíveis e por nos construírem tanto.

2. Memórias em cartas: os vínculos que nos fazem professores(as)

2.1 CARTA 1

Antes do início da leitura desta carta colocamos aqui a observação escrita pelo Artur, ao escrever a carta a seu professor:

A escrita da carta foi um exercício de resgate de memórias pouco revisitadas, que afundavam a um nível quase inalcançável por mim em meu cérebro, de modo que trazê-las à superfície para compartilhá-las com colegas e professores da disciplina, foi difícil, mas recompensador, ao mesmo tempo, e sobretudo uma reflexão sobre a minha própria trajetória (pessoal e acadêmica). Me dar conta que o vínculo estabelecido com o professor fora tão forte que eu até agi de modo que nunca me imaginei agindo (conforme relato na carta) foi um legítimo momento-charneira, em que a reflexão aconteceu concomitantemente à visita à memória e à reflexão sobre as lembranças durante o exercício de escrita (Artur C. Klassmann, 2023).

Bom dia, Senhor Wilson ("Uilson")!

Início essa carta relembrando um apelido e uma "piada interna". O "senhor Wilson" era um personagem do Dênis (O Pestinha). Ao te chamar assim, além de brincar com o teu nome, eu associava a ti uma imagem de velho rabugento, impaciente, e que sofria na mão do Dênis, apelido que o senhor tentou aderir a mim, numa tentativa sem sucesso. De cara isso já nos diz muito sobre essa relação entre professor-treinador e aluno-atleta. Apesar de eventualmente ser conflitante, a nossa relação era boa e permeada por diálogos informais e livres de qualquer preocupação com a forma. Nem sempre as palavras eram as mais adequadas, mas o ambiente competitivo do esporte, na quadra onde treinávamos com a seleção de futsal do colégio,

permitia um certo grau de informalidade. Pois bem, iniciei com um “bom dia” essa carta ciente de que talvez você a leia noutro turno, mas fiz questão de localizá-la no tempo, pois acordei inspirado nesse sábado e saudoso dos tempos de colégio e de atleta. Eu não segui no esporte, me sedentarizei, mas tenho em mim um monte de habilidades desenvolvidas na relação contigo, nos treinamentos da seleção de futsal, e uma parte da identidade docente bem Wilsoniana. Eu nem imaginava que o que eu aprendia em quadra era, na verdade, coisas para a vida. Os teus ensinamentos eram proferidos com essa consciência, já? Essa carta é parte de um trabalho de uma disciplina do Mestrado. Eu poderia direcioná-la a qualquer professor que me marcou, e te escolher como destinatário não era a ideia inicial, ainda que você tenha sido muito importante na minha escolha profissional. Minha prioridade era escolher alguém que tivesse me marcado positivamente, mas não encontrei. Então pensei em escolher um mau exemplo de professor, a quem agradeço pela formação de como não atuar profissionalmente, e então encontrei vários, como uma professora, que um dia até acendeu um cigarrinho na janela num tempo em que já não era mais bonito fumar (quem dirá no ambiente escolar) ..., mas achei deselegante fazer isso. Não consegui classificar o senhor como bom ou ruim..., mas o escolhi pela característica da nossa relação e não da tua pessoa. A escolha por te escrever passa por enfrentar uma possível desilusão (talvez recíproca) por eu não ter me tornado jogador. Você dizia para eu investir energia nisso, melhorar minha capacidade respiratória e fazer testes por aí, mas eu não me dediquei o suficiente e/ou não dei sorte. Mas hoje considero que há uma sorte nisso tudo, e por isso vim compartilhar esse texto contigo. Me refiro à sorte de conviver contigo por uns quatro anos e conhecer uma possibilidade de vínculo entre professor e aluno que supera formalidades e é pautada na sinceridade. Involuntariamente construí uma identidade profissional parecida com a tua. Penso nisso a cada diálogo com um aluno, quando me desprendo da posição professor, horizontalizo a relação, falo com leveza e sinceridade, aprendo com ele e me coloco somente como um cara mais velho, com algo a compartilhar da vida. E com o dever de falar verdades inconvenientes, eventualmente. Te escrevo isso depois de ouvir alguns colegas lendo as suas cartas aos seus professores e percebi que, assim como na minha carta, o vínculo e as situações extraclasse são mais marcantes do que os momentos em que os professores se portam como tal, ou fazem o seu trabalho previamente planejado. Com o senhor não foi diferente. Lembro de momentos em que você foi professor, outros em que foi treinador e de alguns em que foi pai ou amigo. Isso era importante para mim, porque no geral os professores me afastavam, mas amigos me atraíam. São facetas que conviviam no ambiente escolar,

exatamente como faço hoje nos ambientes em que leciono. Preciso abrir um parêntese aqui: é curioso que enquanto te escrevo e foco minha atenção em ti, nas memórias, me pego escrevendo sobre mim. Fecha parênteses. Uma situação, em especial, me marcou muito, em um dia em que a faceta Professor passou longe de ti. Aconteceu naquela final de JERGS, Instituto contra Julinho (duas escolas de Porto Alegre rivais, principalmente no esporte), na casa deles. Bicho pegando, ginásio lotado, nervos à flor da pele. Eu, capitão do time, tinha uma postura bem agregadora para a equipe e respeitosa ao adversário. Levantava os jogadores da equipe adversária quando caíam, os cumprimentava no início e final dos jogos e tudo mais o que a cartilha do *fair play* recomenda. Era uma postura que te agradava, mas no intervalo daquele jogo o senhor me falou algo que não seria muito bem interpretado ou considerado muito ético: *“Não é o momento para isso! Te impõe! Pega eles!”* Não sei se entendi corretamente, mas me impus. E com alguns minutos de segundo tempo fui expulso. Não agi como costumava agir. Fui contra alguns preceitos éticos que, apesar de jovem e competitivo, eu tinha/tenho. Mas hoje, transformando a memória em metamemória, percebo o quanto o vínculo e a confiança que depositava em ti era tão forte que fiz, voluntariamente, a tua vontade. E me arrependi depois. Acho que o senhor não era um profissional perfeito e frequentemente percebo que também não sou. Sinto que valorizo e detecto qualidades nos meus alunos, como você também fazia comigo. Reparo que estabeleço vínculos com os alunos com tamanha efetividade como você estabelecia. E eventualmente marco alunos, como você a mim marcou. Obrigado pelos ensinamentos e por cada xingamento deferido sob o pretexto de que só o fazia comigo, porque sabia que eu podia mais e que por isso não tratava assim alguns colegas meus. Agir assim talvez não fosse o mais pedagógico ou lúdico. Talvez não fosse o mais ético ou elegante. Talvez não seja o melhor exemplo. Mas ninguém é perfeito e cabe a nós nos inspirarmos naquilo que há de melhor em cada pessoa. E você me inspirou.

Obrigado, Senhor Wilson!

Artur C. Klassmann

Professor de Geografia da Educação Básica

2.2 CARTA 2

A carta escrita por Rafael é para o Artur. O Arthur que teve como professor referência o seu Wilson, o Artur que escreveu a carta anterior, que herdou do seu Wilson a docência como cuidado e a construção da relação professor/aluno como exemplo. Com atenção enxergaremos

o senhor Wilson nas lembranças de Rafael, mesmo que nunca tivessem se conhecido.

Salve meu padrinho! Como estás?

Hoje me dediquei a escrever uma carta para ti, naquela disciplina lá da Rose, lembra? Falando em lembrar, enquanto pensava sobre como iniciar essa escrita, lembrei que aquela nossa conversa despretensiosa num dos corredores do anexo I da reitoria deve estar próxima de completar oito anos. E tu tinhas razão! Eu não fiquei rico sendo professor (kkkkk), mas isso já sabíamos. O que a gente não sabia ainda é que esses dias aí, quase oito anos depois dessa conversa, eu te encontraria no parque da cidade com a Manu, tua esposa, e com a Catharina, filha de vocês dois. Quem diria né? Foi uma conversa breve, já era fim de tarde o ventinho frio do outono soprava no parque. Lembra que uma vez tu nos levaste para fazer uma saída ali? Pegou a gente e saímos caminhando do campus na direção daquela rosa dos ventos assentada no chão. Durante a caminhada tu já nos alertava de aguçar a percepção do espaço ao ponto de sentir a sutil variação na temperatura do ar que se tornava mais fria à medida que fazíamos a travessia da Paulo Gama na direção do meio das árvores do parque. Tu sabes que até hoje eu levo os alunos ali? Comento que foi ideia tua. Gracias, por esse contrabando. Mas então, essa diminuição da temperatura provocava na Catharina um desejo absurdo de voltar para o quentinho da sua casa, fato que acabou por encurtar nosso papo naquele dia. Falamos, é claro, da escola. Lugar do nosso trabalho como professores de Geografia, hoje colegas, oito anos atrás professor e aluno. Como eu te disse naquela vez: "rico eu sei que não vou ser, mas se eu puder vir trabalhar feliz como tu vens, eu topo!". E de fato, hoje, como professor de Geografia, sou feliz em muitos momentos — a maioria deles advindos da relação que criei com os meus estudantes, que por sinal tem muito a ver com a que criamos há 8 anos atrás. Um dia tu me disseste que para ti a educação é criar vínculo, ter um elo que te conecta à pessoa do outro lado dessa condição de professor e aluno. É por meio desse vínculo que tenho trabalhado bastante nos últimos tempos. Falamos disso também, da carga de trabalho, vez e outra abusiva, que se tem nas escolas enquanto professores. Esses momentos de felicidade que falei se alternam com episódios de quase desespero frente à algumas sentenças meio inevitáveis da profissão de professor no Brasil, em Porto Alegre, na rede privada e pública. Lembro que naquela época tu tinhas duas escolas, uma na rede privada e outra no município. Hoje eu imagino que isso deveria se traduzir entre 20 e 30 horas aula, o que penso ser surreal! Com 22 eu surto às vezes, imagina com 30, 40, 50!!! Estou no mestrado e isso pesa um pouco também. Sinto a responsabilidade e

internalizo o compromisso de me dedicar e seguir em frente na pesquisa. Mas, voltando às tuas duas escolas, hoje eu fico pensando os choques de realidade que tu vivenciavas quando tua escola na COHAB Cavallhada (escola de periferia) dialogava com a tua escola no Ipanema (escola da Zona Sul, não periférica). Fico lembrando das coisas que tu me comentavas, como aquela vez que um cara armado entrou pela sala de professores e anunciou "Quem é o professor de Geografia?" e tu ali, bem na manhã, levantou a mão e disse "eu sou" e ele lançou "tu mesmo, alemãozinho, só pra dizer que o meu filho gosta muito das tuas aulas e só vem na escola por isso" aí tocando a mão no cabo da pistola que guardava entre o calção e o seu corpo ele disse sinalizando a arma "se ele fizer qualquer coisa ó, só me avisar". Lembrando disso eu reflito a respeito dos cotidianos vividos pelos meus estudantes na escola que eu trabalho hoje, particular, no bairro Cavallhada, só alguns quilômetros da escola em que tu vivenciaste essa cena. E penso: qual é a distância "de dignidade" entre esses dois cenários diferentes de escolas a pouca distância "física" uma da outra? Qual é a distância do cotidiano vivido pelo Dora, lá em 2008, na escola municipal do bairro Sarandi, onde estudei, o Ferrerinha, em que muitas vezes me deparei com cenas parecidas com essa que você me confessou, ocorrido na Cohab Cavallhada, com a escola privada em que trabalho? Essas questões têm guiado meu processo de formação enquanto professor. Por considerar que ao entrar na sala de aula, entram junto comigo não só o Rafael graduado na UFRGS em Licenciatura em Geografia, mas também o Rafael que nasceu e se criou no bairro Sarandi, vivenciou por lá suas primeiras descobertas e impressões sobre o mundo. Vem de lá, também, o meu desejo por mudanças que exprimo por meio do meu processo de educar. Mas como ensinar a alguém vivências que esse alguém não teve? Não se pode ensinar cotidianos, apenas vivê-los. Tudo isso que falei anteriormente sobre educar a partir de onde se vem, eu, agora escrevendo isso e refletindo, acho que peguei emprestado de ti. Tu fazias muito isso, dava exemplos de cotidianos reais que esposavam os conceitos de forma mais lúdica e fidedigna para gente. Acho que era isso que fazia com que gostássemos tanto das tuas aulas no cursinho. Não tinha erro, toda terça-feira de noite era garantia de alegria, de GeoAlegria!!! Assim tu começavas nossos encontros e assim nós os terminávamos. E dessa forma eu, ali sentado com os meus 23 anos de idade, comecei a repensar sobre o que queria ser e fazer da minha vida. Aos poucos, tuas aulas, tua forma de ensinar e teu jeito foram me cativando e me levando a pensar que eu gostaria de ser para alguém o que tu estavas sendo para mim, uma referência. Lembro que no primeiro dia de aula tu nos mostrou um exemplar do Jornal Universitário da UFRGS, fazendo bons elogios e nos incentivando a lê-

lo, pois além de reunir ótimas matérias que poderiam se tornar bons repertórios de redação pra gente, ele era de graça! No final da aula tu ofereceu o exemplar que tinha e eu logo levantei a mão para pegá-lo. Tu sabes que eu ainda o tenho? Na capa diz "os improváveis batem à porta da UFRGS", uma matéria sobre estudantes de baixa renda que vêm das escolas públicas nas periferias da cidade e que chegam ao ensino superior por meio dos cursinhos populares. Eu me vi ali e mais tarde esse sentimento de pertença orientaria minha pesquisa. Mas não é sobre isso esse recorte. No fim dessa primeira aula eu fiz como faria em todas as outras até o final do ano, te acompanhei até o carro puxando fios de conversa que iam tecendo novos caminhos. Tu me oferecestes uma carona até o Centro, onde na época tu moravas e onde eu apanhava o ônibus para casa. Aceitei e no curto caminho do campus central da UFRGS, até a Rua Pinto Bandeira, descobrimos muitas coisas em comum, como a perda de nossos pais, mais ou menos na mesma época. Apesar de termos pais como referência, no meu caso, em muitos momentos, sobretudo em relação à docência, essa pessoa de referência fostes tu! Por isso não abandono nem o hábito de te chamar de padrinho nem o fato de ser/estar/tornar-se um professor melhor a cada dia. Eu escolhi ser o adulto que vai escutar e acolher os jovens estudantes, assim como fui ouvido e acolhido por ti. Obrigado por esse pouco nada desprezível na minha formação como professor de Geografia! Espero que eu esteja levando adiante essa missão e que outros e outras possam ser ouvidos e ouvidas a chegarem nos seus lugares de sonho.

Ao meu querido e eterno professor, padrinho, colega e amigo.

Com carinho, teu afilhado.

Rafael Salami Dora

Mestrando em ensino de Geografia pelo POSGEA/UFRGS

Professor de Geografia da Educação Básica

2.3 CARTA 3:

Querida professora!

Por mais clichê que possa ser este início de carta, escrevo como quem revisita memórias e busca as melhores palavras para falar de ti. Eu tive muitos professores e professoras, alguns me fizeram excelente em matemática, outros me fizeram amar biologia, alguns até me fizeram desejar ser designer, afinal eu era ótima no *CorelDraw*. Acontece que, por mais que a descoberta de novos saberes me encante, foi o desafio que tu me propuseste indiretamente que me fez

escolher a ti. Com vergonha confesso que guardo na memória pouco das tuas aulas, lembro-me mais das nossas conversas, como quem se lembra de um lugar seguro. Há sempre em tua presença algo que me faz sentir que tudo é possível, que inquietações são sempre bem-vindas, que nossas experiências valem tanto quanto os textos dos autores. As tuas palavras são carregadas de saberes, mas também de escuta. E essa escuta, para mim, foi e segue sendo o maior gesto político e afetivo que uma professora em sua posição poderia demonstrar. Concordo com Marinas (1994), escuta é compromisso que permite que a palavra não se encerre quando é dada, mas sim que siga provocando ressignificações para que alguma coisa aconteça. Ele ainda diz que da escuta se faz a história de vida e num acerto Delory-Momberger ainda acrescenta, dizendo que é a narrativa que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa da nossa vida porque temos uma história, temos uma história porque fazemos a narrativa da nossa vida. Sei que tu entendes o que estou dizendo, afinal, foi tu quem me ensinou essa coisa toda complexa e linda que é o universo da pesquisa autobiográfica. E eu gosto ainda de pensar nisso tudo como um universo no qual nós existimos. Eu poderia muito bem falar dos encontros da bolsa durante a graduação, das orientações, das trocas de mensagens, e-mails, eventos que eu não sei de onde tu tiras tempo e força, parece que teu dia passa mais devagar de tanta demanda que tu cumpres desde a hora que acordas que, acredito eu, deve ser por volta das cinco da manhã porque sempre tem uma mensagem tua no meu whatsapp antes das sete. E está tudo bem viu, não estou reclamando. Mas deixa eu voltar a falar de existência, queria te perguntar se guarda alguma dor, algum silêncio, alguma coisa já te fizeram perder a coragem? Não precisa me responder, é que tu me lês tão bem, que eu fico pensando se tem algo na tua vida que te fez ter esse olhar tão apurado. Sabe, eu tinha medo de ti antes de te conhecer, tu não sabes disso, mas nós tivemos uma aula durante o ensino remoto que tu me pediu para ler um texto que eu tinha escrito sobre educação popular e na hora eu congelei, no fim não deu tempo de ler e fiquei com essa tarefa para a aula seguinte. Sabe o que eu fiz? Não apareci na aula, tive tanto medo que não sei até hoje qual era teu comentário sobre o meu texto. Mas passou, eu te conheci, ainda bem! Quero então aproveitar essa carta para te contar de algumas memórias que guardo comigo. A nossa primeira orientação presencial da bolsa, 2023, tu me cobraste uma tarefa que eu não tinha feito e eu precisei te contar que aquela semana tinha sido difícil, minha casa alagou e nós ainda estávamos tirando a lama do chão e das paredes. Tu prontamente me olhaste e começaste a perguntar o que eu precisava, armários, fogão. Que momento emblemático, eu com vergonha de ter tido a casa alagada, com vergonha de precisar dizer isso

em voz alta para ti, e tu me acolhendo de forma que aquela tarefa da bolsa, que eu já nem lembro mais qual era, já nem importava mais. Em 2024, uma nova enchente, dessa vez bem maior. Tu me mandaste diversas mensagens para saber se eu estava bem, se tinha medicação, se precisava de ajuda. Ah, tem isso, eu nunca falo da minha saúde, é um silêncio em todas as minhas narrativas e tu sabes disso, e de maneira muito empática, tu não falas também. Eu queria muito saber como tu fazes para ter essa sensibilidade. Como tu fazes para ter tanta força. Como tu faz para ter sempre essa lucidez, como quem tem a solução mais inteligente para tudo, como quem vê a vida de maneira simples e bonita, como quem tem sempre um abraço guardado, pronto para ser dado na hora certa. Tem tanta coisa de ti que eu queria saber. Bom, desculpa a falta de linearidade, os pensamentos atravessados, o limite ultrapassado. Não sei se essa carta está acabada, ela ainda vai me fazer pensar por mais uns dias. Mas neste momento fecho esse escrito com uma frase que eu sei, isso eu sei, que tu gostas muito e tem tudo a ver contigo: *hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamas*.

Hélen Fagundes

Mestranda na Linha de Ensino de Geografia pelo POSGEA/UFRGS

Professora de Geografia da Educação Básica

2.4 CARTA 4

Antes do início da leitura desta carta colocamos aqui a observação escrita pela Giulia, ao escrever a carta a seu professor:

Como aprendi ao longo da disciplina com os professores e a autora Delory-Momberger (2008), a biografização traz em si vínculos entre biografia e a educação. O “fato biográfico é entendido como um ato de linguagem, pelo qual o narrador se apropria da palavra para falar de si” (Delory-Momberger, 2008, p. 36), portanto ao escrever a carta para o professor escolhido por mim, foi possível perceber o quanto o exercício proporcionou reflexões sobre a formação da minha identidade docente, assim como da minha identidade discente. Na aula, quando lemos as cartas, também teve alguns momentos em que os colegas reconheceram que a escrita da carta, mesmo tendo o destinatário para o professor, o conteúdo da narrativa que se gerou foi sobre nós mesmos e nossos aprendizados com essas histórias, que se tornam histórias ao serem escritas e narradas (Giulia Assunção Sichelero, 2023).

Professor Coronel,

Eu sei que o senhor já devia estar próximo da aposentadoria e estava lidando com muitas crianças no início da vida escolar e talvez as horas que o senhor passava compartilhando aulas de história para a minha turma fossem estressantes. Mas acontece que o que eu vivenciei na

quinta série, meu primeiro ano em um Colégio Militar marcou a minha trajetória escolar, acadêmica e toda a minha vida enquanto estudante. Sabes que para mim foi muito difícil ingressar neste colégio, não sou filha de militar como a maioria dos colegas, tive que disputar uma vaga por meio do processo de admissão, que foi o de ser aprovada em um concurso público com onze anos de idade. Recordo que quando estava na quarta série, ano anterior ao ingresso no colégio militar, fui privada de fazer os passeios da escola junto com meus colegas para as missões em Uruguaiana porque eu precisava estudar, também não podia brincar ou ir à casa das colegas aos finais de semana porque tinha aulas particulares de português e matemática. Por parte da minha mãe havia uma grande pressão e expectativa em cima de mim, movimento completamente justificável já que ela, uma mãe solteira, trabalhadora do SUS, com pouco tempo para ficar em casa e cuidar de mim, sentia-se na responsabilidade de me proporcionar a melhor educação possível dentro das suas condições financeiras. Sabe-se que o Colégio Militar é uma escola federal e pública, ou seja, gratuita, e na perspectiva da minha mãe era a melhor escola pública da cidade. Será que o senhor como homem, branco, militar e professor consegue compreender essa trajetória de mãe e filha? Lembro das aulas de história da quinta série, na realidade é a única memória que eu tenho da quinta série. Gritos, uma vara de madeira maciça que batia no quadro com intuito de controle e autoridade, falta de paciência para responder às perguntas dos alunos e xingamentos. Dentro de mim crescia uma vontade inexplicável de entender o que eu tinha feito ao seguir as orientações da minha mãe, porque se esse era o colégio com a melhor educação como ela costumava me dizer, não fazia muito sentido porque em nenhum momento da minha vida enquanto aluna eu havia passado por uma experiência semelhante àquela. Vejo que agindo dessa forma, o senhor ao invés de nos instigar, despertar a nossa curiosidade e aprendizagem, apenas nos ensinava a sermos crianças passivas, obedientes e quietas. É com essa memória que eu vejo o quanto eu demorei para ser uma aluna ativa, protagonista da minha aprendizagem e do conhecimento. Recordo que nos anos que seguiam fui ficando cada vez mais quieta em sala de aula, e infelizmente não era só o senhor que tinha atitudes rígidas em sala de aula. Outros professores militares, principalmente os homens e os que possuíam uma patente mais elevada, entravam em completo abuso de poder para conseguir “dominar” as turmas. Acredito que essas experiências e algumas outras dentro da escola fizeram com que eu tivesse uma perspectiva negativa sobre a docência, e também futuramente entrasse em uma pequena crise da adolescência onde pensei que não gostava de estudar ou aprender e meu desempenho escolar que era bom nos anos iniciais do Ensino Fundamental

deram uma boa despendida nos anos finais e também no Ensino Médio. Não vejo o senhor como culpado ou como responsável pela minha desilusão com a escola, mas sim todo o contexto rígido no qual estava inserida, já que era menina e não podia soltar o cabelo, usar brincos, pintar as unhas e precisava seguir um padrão. Inclusive, padrão era uma palavra muito comum e utilizada na escola. Onde a ideia de que não podíamos ser diferentes das regras impostas, era muito forte. Estar no padrão, era uma obrigação. Inclusive, uma obrigação que valia nota, pois tínhamos uma nota de comportamento que condizia a todas as nossas ações dentro da escola (uniforme, boina, sapato, conduta com oficiais etc.). Assim sendo, nunca na vida pensei em desafiar ou responder os professores, acho que foi um processo de apagamento ou construção da minha personalidade como aluna, ou seria a minha identidade discente? Enfim, professor coronel ou coronel professor, queria que um dia o senhor reconhecesse que toda essa imposição da disciplina em crianças talvez não funcione, é claro que pode funcionar para outros, mas não para todos. E mesmo sendo um professor militar, foi muito triste que o senhor deixou o seu lado militar ser mais forte do que o seu lado humano e professor, mas enfim, suas aulas e sua metodologia com certeza me educaram não só no sentido da repressão e inibição, mas também no sentido de saber aquilo que não funciona e quais atitudes não devo reproduzir como professora.

Giulia Assunção Sichelero

Doutoranda na Linha Territorial pelo Posgea/UFRGS

2.5 CARTA 5

Antes do início da leitura desta carta colocamos aqui a observação escrita pela Júlia, ao escrever a carta a seu professor:

Contextualizando o conteúdo visto nas aulas, nesse processo de me tornar professora, emano quase como um mantra que preciso sempre questionar minhas práticas, para que, com os questionamentos, haja uma virada de chave dentro da prática escolar. Com o método autobiográfico, consegui acessar essas memórias que escrevo aqui, compreendendo minha narrativa a partir da minha história de vida e minha jornada particular no mundo. Marie-Christine Josso (2012, p. 22), diz que o que representa, realmente, um desafio neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, mas sim, a tomada de consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias. Nesse sentido, Josso ressalta que “transformar a vida socioculturalmente programada, numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida” (2012, p. 22) (Júlia Dall’Agnese, 2023).

Uma carta para o Outro, uma carta para mim Júlia Dall'Agnese.

Minha carta se inicia em 2015, ano em que estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio, em um colégio particular na cidade de Caxias do Sul. As nuances da memória não são totalmente claras, evidentemente, devido ao fato de já terem se passado oito anos. O Ensino Médio é uma penumbra na vida do jovem, momento rodeado de decisões importantes da vida, das quais não fazemos a menor ideia do impacto que nos trarão futuramente; uma dessas decisões é a da escolha da profissão. Lembro-me de ficar ansiando pela vida adulta, pela faculdade, pela construção da minha vida como profissional no mundo. Não sei se eu escolhi a Geografia como primeira opção, acho que pensava em fazer Geologia, gostava muito do contato com o meio ambiente, para além do contato com as pessoas. Minha infância foi extremamente rodeada de mato, meus programas com meus pais aos finais de semana eram conhecer cachoeiras novas, fazer trilhas. Recordo-me do Jipe que pertencia ao meu pai e dos diversos lugares cheios de verde que fomos explorar. Luxo para mim sempre foi o meu quintal cheio de árvores, que era minha floresta mágica. Mas, ainda assim, não conseguia me desvincular do social e tinha muita proximidade com a História, mas sentia uma incompletude em estudar as pessoas sem estudar o espaço que as cercava. Escolhi a Geografia porque gostava da Geografia Política, achava que sairia da faculdade e iria adorar dar aulas sobre isso. Finalizada minha jornada na UFRGS cursando licenciatura, me aproximei da parte ambiental, tanto quanto da parte social e percebi que o que eu gosto de trabalhar é, justamente, um espaço em equilíbrio entre os dois. Enfim, depois de situar minha jornada até aqui, digo que escrevo essa carta também para recordar de momentos que a escola me marcou negativamente. Penso se quero usar o nome da professora que me marcou, mas sinto que não é o momento, e por isso coloco um codinome, Marta. Marta era uma professora do estilo autoritária, que gostava que todos os alunos ficassem em silêncio, a esperassem na porta da sala de aula para pegar seus materiais, gostava de passar medo e estabelecer uma relação de poder. Na época, eu achava que era uma pessoa mais velha, que era empoderada e vivida. Hoje vejo que, talvez, tenha a ver com problemas mais complexos, que ultrapassam a sala de aula. As aulas que Marta ministrava eram de redação, a fim de preparar os jovens, nós, para as redações dos vestibulares que estavam por vir. Eu não tenho na memória que escrevi mal, ou talvez tenha apagado isso justamente pelo trauma. Toda semana tínhamos que escrever uma redação que seria corrigida pela professora, ou, às vezes, por outros colegas. Em uma dessas semanas, a professora me convida para me levantar e ir até a frente do quadro. Me levanto, envergonhada, e caminho em direção a mesa

delas, em frente ao quadro. Quando chego ali, ela pede que eu repita a seguinte frase: prometo nunca mais escrever algo tão podre em toda minha vida. Repito, segurando meu texto na frente de toda a turma. Evidentemente, todos os colegas dão gargalhadas, e eu espero ela me falar que posso sentar novamente e me dirijo para minha classe. Lembro-me de ler aquele texto diversas vezes, procurando o que havia de tão errado nele, em qual momento eu havia saído dos limites para o texto estar tão distante dos demais da turma. Lembro-me de chegar em casa e reescrever ele diversas vezes, de diversas formas diferentes e não conseguir encontrar o que havia de tão repugnante. Passou-se tempo, então, depois do acontecimento, e na redação do ENEM, tirei nota 960. Fiquei incrédula com a nota, a ponto de achar que corrigiram errado e eu nem merecia ter tirado isso. Mais tarde encontro a mesma professora, fora da sala de aula, em um momento que ficou muito na minha memória: ela estava conversando com uma pessoa na rua, quando me viu demonstrou muita felicidade e perguntou o que eu estava fazendo da vida, eu disse que havia passado na UFRGS. Ela ficou muito feliz e disse que sabia que isso ia acontecer, que eu era uma ótima aluna e só precisava de um “empurrãozinho”. No fim, por mais irônico que seja, acho que ela acredita que fez para o meu bem toda a situação de humilhação. Talvez vejamos o mundo de formas diferentes, talvez o lugar de onde ela veio ensinou-a a ser assim, talvez ela acredite que toda mudança existe somente na dor. Tem coisas que ficam na memória. Parafraseando Sartre, o que a gente faz do que os outros fizeram da gente? Mas nem tudo está na penumbra. Buscando compreender de onde vem minha sede de me formar professora, vejo que tive muito mais inspirações positivas, que me tornaram, por vezes, utópica e idealizadora da profissão do professor, do que pessoas como Marta. Tive muitas inspirações de professores como a Aline, professora de história, Flávio, professor de biologia, Amália, professora de literatura, Fabiano, professor de geografia. Todos me inspiraram e me inspiram muito ainda em meu processo de formação de ser professora. Aline, minha professora de história, em particular. Aline sempre me inspirou muito como professora, por ser uma pessoa organizada, dinâmica, saber se aproximar dos alunos e criar conexões por meio da vulnerabilidade. Acho que a vulnerabilidade nos liga. Durante o Ensino Médio, Aline me dava força e sempre me sonhava estudando na UFRGS, antes mesmo de eu me sonhar, sendo sua colega de profissão no futuro. Ela falava isso para mim e minha colega e amiga Rafaela, que também queria, e hoje é, professora de história. Recentemente, Aline me chamou para dar aula no colégio que ela trabalha, me recomendou para o diretor. Fiquei em choque, nem sabia o quanto ela confiava em mim e me admirava. Tem coisas que ficam na memória. Eduardo Galeano diz que recordar é voltar a passar pelo coração.

Ao fim, essa carta é para a professora Marta e a professora Aline, mas também é para a professora que habita em mim.

Júlia Dall'Agnese

Mestre em Geografia na Linha de Pesquisa Territorial pelo Posgea

Professora da Educação Básica

3. As Cartas que nos formam: quando escrever ao outro é refletir sobre si

As cartas-narrativas aqui apresentadas evidenciam a potência do método (auto)biográfico como dispositivo de formação docente, ao deslocar o foco da análise de práticas para a produção de sentidos sobre as experiências vividas. Ao escreverem cartas endereçadas a professores(as) que marcaram suas trajetórias, os sujeitos engajam-se em um movimento que, embora direcionado ao outro, retorna inevitavelmente a si. Tal como propõem Delory-Momberger (2016), ao compreender a biografização como um ato de linguagem que permite ao sujeito apropriar-se de sua própria história, e Josso (2010), ao enfatizar a formação como um processo de tomada de consciência de si, as cartas operam como espaço de elaboração da experiência. Nesse sentido, não se trata apenas de rememorar, mas de produzir inteligibilidade sobre o vivido, constituindo a narrativa como um lugar de formação.

Esse movimento implica um trabalho de metamemória, em que as experiências passadas são revisitadas e ressignificadas à luz do presente. Ao narrar, os autores das cartas não apenas recuperam acontecimentos, mas os reorganizam, reinterpretam e lhes atribuem novos sentidos, evidenciando o que Ricoeur (2010; 2014) denomina de identidade narrativa - aquela que se constrói na articulação entre memória, tempo e interpretação. As situações relatadas, sejam elas marcadas por afeto, conflito ou dor, emergem como experiências formadoras justamente por serem atravessadas por esse exercício reflexivo. Como sugere Larrosa (2015), a experiência não é aquilo que simplesmente acontece, mas aquilo que nos acontece e nos transforma; e é na linguagem que essa transformação se torna comunicável e, portanto, formativa.

Um dos aspectos mais recorrentes nas cartas refere-se à centralidade da relação aluno-professor na constituição da profissionalidade docente. Mais do que conteúdos, metodologias ou planejamentos, o que permanece nas memórias são os vínculos estabelecidos, as formas de interação e os modos de presença dos(as) professores(as). As narrativas evidenciam que a educação se constrói na relação entre sujeitos, na escuta, na troca e nos encontros que

atravessam o cotidiano escolar. Nesse sentido, Nóvoa (1997) nos lembra que não há separação entre o professor e a pessoa que o constitui, indicando que a docência é atravessada por dimensões biográficas, afetivas e experienciais que extrapolam a dimensão formal da profissão. O modo como se ensina, portanto, não pode ser dissociado das histórias de vida, das referências construídas e das experiências vividas ao longo da trajetória formativa. As cartas tornam visível essa indissociabilidade ao revelarem professores(as) que marcam não apenas pelo que ensinam, mas pelo modo como se relacionam, escutam, acolhem ou, por vezes, silenciam. Assim, a profissionalidade docente se constitui também nesses encontros, sendo continuamente tecida nas relações que se estabelecem e nos sentidos que os sujeitos atribuem a elas. As cartas revelam, ainda, que a docência se aprende, em grande medida, pela experiência de ser aluno, e que os modos de relação vivenciados tendem a ser reatualizados, tensionados ou reinventados na prática docente ao longo de toda a trajetória formativa.

Por outro lado, as experiências negativas também se apresentam como profundamente formadoras, na medida em que situações de autoritarismo, humilhação ou silenciamento não apenas marcam os sujeitos, mas orientam, por oposição, suas escolhas futuras enquanto docentes. Nesse sentido, ao encontro de Josso (2010), compreende-se que as experiências formadoras não se restringem ao que é positivo ou desejável, mas incluem também aquilo que desestabiliza, provoca rupturas e convoca os sujeitos a processos de reflexão sobre si. Ao serem revisitadas e narradas, tais experiências deixam de ocupar apenas o lugar da vivência e passam a integrar um movimento de elaboração que produz sentidos para a formação. Dessa forma, algumas narrativas evidenciam práticas marcadas pela imposição e pelo controle que, ao serem problematizadas, alimentam o desejo por outras formas de atuação docente, mais sensíveis às relações, à escuta e à construção compartilhada do processo educativo.

As cartas também explicitam que a identidade docente não é dada, mas construída ao longo de trajetórias singulares, atravessadas por múltiplas experiências, relações e contextos plurais-coletivos. Trata-se de um processo dinâmico, em que os sujeitos vão se constituindo na intersecção entre o vivido e o narrado, entre o que foram e o que desejam ser. Tal compreensão dialoga com Nóvoa (1997) ao compreender que a formação de professores se dá na construção de percursos, tramadas na dimensão pessoal, coletiva e profissional, ou seja, a identidade docente se constitui como resultado de processos sociais e biográficos. Ao reconhecerem traços de seus professores(as) em suas próprias práticas, ou ao se posicionarem criticamente frente a

determinadas experiências, os autores das cartas evidenciam a docência como um processo de permanente (re)construção.

Outro elemento que atravessa as narrativas diz respeito à escola como espaço de inscrição de experiências sociais mais amplas. As diferenças entre contextos escolares, as marcas socioeconômicas, as relações de poder e as condições de trabalho emergem como dimensões que influenciam diretamente as experiências e, conseqüentemente, os processos formativos. Nesse sentido, compreende-se que a escola pode operar na reprodução de desigualdades, refletindo as diferentes relações que os sujeitos estabelecem com o saber, mediadas por suas trajetórias. As cartas evidenciam que a docência não se constrói em abstrato, mas em contextos concretos, atravessados por tensões e contradições.

Por fim, a escrita das cartas se afirma como um gesto ético, estético e político. Ético, porque implica um olhar sobre o outro e sobre si que demanda responsabilidade e cuidado; estético, porque mobiliza a linguagem na produção de sentidos e na construção de narrativas sensíveis; e político, porque ao narrar, os sujeitos tomam posição frente às experiências vividas e às práticas educativas. Escrever é uma forma de experiência que nos transforma, e, nesse caso, transforma também o modo como compreendemos e exercemos a docência. Ao trazer à tona memórias, afetos e reflexões, as cartas não apenas revisitam o passado, mas projetam possibilidades de futuro.

Dessa forma, as cartas aqui apresentadas não se encerram em si mesmas, tampouco nos sujeitos que as escreveram ou nos(as) professores(as) a quem foram endereçadas. Elas se constituem como narrativas abertas, que convocam o leitor a também visitar suas próprias experiências e a reconhecer-se nesse movimento de formação permanente, atravessada e refletida por múltiplos afetos e desaletos, alegrias e dores, harmonia e conflitos, tramadas nas relações e espaços que nos constituem. Afinal, retomamos: não há docência sem memória, sem relação e sem experiência - e é na articulação entre essas dimensões que se torna possível compreender a complexidade e a potência de tornar-se professor.

4. Referências

DELORY-MONBERGER, Christine. Construção e transmissão da experiência processos de aprendizagem e formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. (Orgs.) **A nova aventura (auto)biográfica**: tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 39-58.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução: Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, Natal: EDUFRRN, 2008. 147 p.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2010. 346 p.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31. Jan/abr, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/21805> Acesso em: 31 maio 2023.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 176 p.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. 158 p.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Volume 3. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 498 p.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução: Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 438 p.